

## ESTRUTURAS NEGATIVAS SENTENCIAIS EM TEXTOS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Vivian Canella Seixas (UFOP)

[vi\\_seixas@yahoo.com.br](mailto:vi_seixas@yahoo.com.br)

Mônica Alkmim (UFOP)

[mralkmim@gmail.com](mailto:mralkmim@gmail.com)

### 1. *Introdução*

Considerada um universal linguístico, a negação é, sem dúvida, tema de grande interesse de estudiosos da língua, o qual oferece múltiplas possibilidades de análises e de discussões, seja qual for o enfoque a ser adotado na investigação. E, além de ser um recurso utilizado em todas as línguas, sabe-se que cada uma delas apresenta suas estratégias particulares para expressar este fenômeno. É importante ressaltar que, no Português Brasileiro (doravante PB), observa-se a existência de uma grande variedade de expressões com valor negativo, que se manifesta nas diversas épocas de realização da língua.

Em sentido amplo, a negação compreende qualquer frase negativa que se opõe a uma frase afirmativa. Já em sentido estrito, a negação é o vocábulo, ou partícula que torna negativa uma frase que, sem tal elemento, seria afirmativa (CASAGRANDE, 1973, p. 1).

De acordo com Alkmim (2001, p. 2), a negação é, em línguas naturais, mais complexa do que em lógica ou em matemática. Na maioria das vezes, a absoluta simetria que é concebida entre proposições afirmativas e negativas na lógica não é refletida em linguagem natural, propiciando, assim, um debate que envolve a negação enquanto entidade da lógica formal e sua discutível equivalência com elementos da linguagem natural.

Ainda, conforme a autora, levando em consideração todas as abordagens linguísticas que tratam da negação no PB, as construções negativas são apresentadas como aquelas que possuem um item negativo presente, seja ele o elemento *não*, um quantificador ou um advérbio negativo, a preposição *sem*, a conjunção *nem* e itens que os gramáticos chamam de “reforço da negação”, ou itens de polaridade negativa (conforme nomenclatura de Ilari, 1984), como em “Ela não deu um pio.”

Nesse quadro, o presente trabalho pretende descrever e analisar as estruturas negativas sentenciiais presentes no PB, na 2ª metade do século XVIII e nas 1ª e 2ª metades do século XIX.

Assim, em levantamento preliminar das negativas, foram identificadas ocorrências<sup>102</sup> dos seguintes tipos:

- (1) “*Não* conhecem a subordinação.”
- (2) “*Não* se pense que nos oppomos ao recrutamento; *não*.”
- (3) “Tem graça, *não* senhora!”<sup>103</sup>
- (4) “*Ninguém* viu *nada*.”
- (5) “Que *ninguém* intenda.”
- (6) “[...] e prol quitação da dita divida, para mais *nunca* Serpedida, ou Repetida por elle.”
- (7) “[...] por causa de não depender *nem* ter posses.”
- (8) “*Sem* expôr a Provincia.”

O exemplo (1) apresenta a partícula *não* na posição pré-verbal, a qual está imediatamente adjacente ao verbo, e que aqui será representada por [Nãov]. O exemplo (2) apresenta a partícula *não* na posição pré e pós-verbal, resultando a sequência [NãovNãov]. O exemplo (3) apresenta a partícula *não* na posição pós-verbal, representada por [vNãov]. O exemplo (4) apresenta dois itens negativos distintos, um anterior e o outro posterior ao verbo, sendo representado aqui por [NegvNeg]<sup>104</sup>. Em (5), representado por [Quantv], tem-se um quantificador negativo seguido por um verbo. Em (6) verifica-se um advérbio negativo anterior ao verbo, representado aqui por [Advv]. O exemplo (7) tem a conjunção *nem* se-

---

<sup>102</sup> Os exemplos foram retirados do *corpus* que será utilizado e foram transcritos de forma conservadora.

<sup>103</sup> Única ocorrência encontrada até o presente momento.

<sup>104</sup> Segundo Vitral (1999), há dialetos do português brasileiro que aceitam a coocorrência de itens como *ninguém* ou *nunca* e a partícula *não* precedendo o verbo. Por razões de exposição, o autor chama os itens de valor negativo como *nada*, *nunca* ou *ninguém* de itens N. O fato, então, de a ocorrência da partícula *não* ser obrigatória quando os itens N se encontram em uma posição pós-verbal, é chamado de *concordância negativa* por Zanuttini (1989) e Haegeman e Zanuttini (1991), que analisam dados do italiano e de outras línguas.

guida por verbo, representado por [NemV]. E em (8), a preposição *sem* aparece anterior ao verbo, representado por [SemV].

No decorrer do trabalho, as estruturas exemplificadas em (1-8) serão representadas, respectivamente, por [NãoV], [NãoVNão], [VNão], [NegVNeg], [QuantV], [AdvV], [NemV], [SemV], em que se focaliza a ordem de negação em relação ao verbo. Trata-se apenas de representações esquemáticas, nas quais o modo de realização fonológica da partícula negativa (plena ou reduzida) não está sendo identificado.

As construções exemplificadas de (1-8) têm escopo sentencial. Segundo Ilari *et alii* (1991, p. 105), escopo é o “conjunto de conteúdos afetados por algum operador.” Assim, essas construções diferenciam-se das negativas não sentenciais<sup>105</sup>, cujo escopo incide somente sobre o constituinte<sup>106</sup> que vem imediatamente ligado à negação, como pode-se ver nos exemplos (9-14):

(9) “[...] burrialmente *sem* logica; pois de não entender.

(10) “[...] *enem* Vossa Senhoria oexaminará.

(11) “[...] e *não para* o potentado.”

(12) “*Não* escrava de interesses sórdidos.”

(13) “*Não* satisfeito do que foi feito.”

(14) “[...] pólvora de qualidade muito superior a qualquer das conhecidas; donde se vê *não* só a utilidade e conhecido proveito d’aquelas lições [...]”

No exemplo (9), a partícula *sem* tem como escopo um substantivo. Já o exemplo (10) tem como escopo um pronome. Em (11-14) o *não* tem como escopo, respectivamente, um sintagma preposicionado, um substantivo, um adjetivo e um advérbio.

---

<sup>105</sup> É importante mencionar que estruturas não sentenciais não serão analisadas no presente trabalho.

<sup>106</sup> A negação de constituinte é a propriedade que caracteriza uma estrutura em que o escopo da negação não seja toda a frase. (GONÇALVES, 1994, p.26)

## 2. *Quadro teórico*

Na tentativa de comparar as estruturas negativas de diversas línguas, Donadze (1981) e Schwegler (1983) tecem considerações sobre a forma negativa mais recorrente no PB, qual seja, [**NãoV**] (exemplo (1)), e a [**NãoVNão**] (exemplo (2)), considerada por Schwegler (1983) como forma inovadora, por não estar presente no Português Arcaico. No entanto, esta afirmativa de Schwegler (1983) é contestada por Alkmim (2001), pois a autora comprovou, através de um levantamento realizado com peças de teatro do século XVI até o XX, a presença da estrutura [**NãoV-Não**] até no português quinhentista de Portugal.

Donadze (1981) e Schwegler (1983), acima citados, afirmam que a construção [**NãoV**] é encontrada em diversas línguas, tais como o Indo-Europeu, Latim, Português do Brasil e de Portugal, Espanhol, Romeno, Italiano, etc. Já a construção [**NegVNeg**], é encontrada no Francês, Catalão, Ladino e dialetos do norte da Itália, como o Piemontês. O exemplo a seguir demonstra esta última estrutura:

(15) *No ho sé cap.* (Catalão)

(Ex. de SCHWEGLER, 1983)

Pode-se verificar, então, que há uma diferença entre o exemplo (15) de Schwegler e o exemplo (2) do PB mencionado anteriormente e aqui repetido para facilitar a visualização:

(2) *Não se pense que nos oppomos ao recrutamento; não.*

A construção (15) apresenta elementos distintos para *Neg*: *no* antes do verbo e *cap* após o mesmo, enquanto no PB verifica-se a partícula *não* anterior e posterior ao verbo.

Portanto, é interessante observar que, dentre as línguas que utilizam a construção negativa com dois elementos, são poucas as que apresentam a repetição do mesmo item negativo, assim como o PB. Dentre as línguas que também apresentam a [**NãoVNão**], incluem-se: o africans<sup>107</sup>, O palenquero<sup>108</sup> e o espanhol da República Dominicana.

---

<sup>107</sup> Língua falada na África do Sul. (ALKMIM, 2001, p. 4)

<sup>108</sup> Crioulo falado em uma comunidade rural de El Palenque, na Colômbia. (ALKMIM, 2001, p. 4)

Com relação ao PB, um ponto fundamental para o melhor entendimento das estruturas negativas, é o que concerne à avaliação social, à descrição estrutural e à história das mesmas.

Em se tratando da avaliação social das construções, a [NãoV], apresentada no exemplo (1), é tida como a forma canônica e foi a que ocorreu em maior número no *corpus* em uma análise preliminar realizada. Por sua vez, a estrutura negativa [NãoVNão], exemplificada em (2), apareceu em menor número no *corpus* e sofre sanção por parte dos gramáticos tradicionais. O registro de atitude desfavorável ao uso da estrutura [NãoVNão] transparece na afirmação de que o uso de tal construção é “popular” e constitui uma evidência de que “a língua é o que é, e não o que queremos que ela seja.” (NUNES, 1945). O mesmo pode-se deduzir da afirmação de Carneiro (1957): “a negativa duplicada na frase ‘*Não quero não*’, em vez de ‘*Não quero*’, constitui a forma vulgar de expressão de todo brasileiro”.

Na tentativa de descrever as estruturas negativas do PB e compreender a história dessas construções, muitos trabalhos foram elaborados.

Nas descrições estruturais gerativistas, há controvérsia quanto à colocação do item negativo na classe dos advérbios (MARTINS, 1994 *apud* NAMIUTI, 2008), e ainda, quanto à possibilidade de classificá-lo como clítico (MIOTO, 1991). Discute-se ainda se há apenas uma categoria funcional para a negação denominada NegP (POLLOCK, 1989) ou, como propõe Laka (1990), uma categoria  $\Sigma$ P que pode ser preenchida por [+Neg] ou [+Aff], ou ainda, de acordo com Zanuttini (1995), se existiria uma categoria denominada PolP (Polarity Phrase), responsável pela checagem dos traços de polaridade negativa/afirmativa da sentença.

Com relação à história da construção negativa [NãoVNão], algumas hipóteses foram formuladas acerca da sua origem:

1. Essa estrutura surgiu através do contato do português com línguas africanas, caracterizando-se como um caso de “influência de substrato” – Hipótese do contato (HOLM, 1988; BERNINI & RAMAT, 1996; BAXTER & LUCHESSI, 1997; BAXTER, 1998).
2. Essa estrutura é resultado do enfraquecimento do primeiro *não*, que fez com que aparecesse o segundo – hipótese do enfraquecimento (SALLES FILHO, 1980; FURTADO DA CUNHA, 1996).
3. Essa estrutura é resultado de mudança paramétrica (GONÇALVES, 1994; MARTINS, 1997).

4. Essa estrutura é resultado da reanálise do item *não*. Este elemento teria passado de enunciado completo, para constituinte da oração - hipótese proposta por Alkmim (2001). Para a autora, o segundo *não* era um elemento que não fazia parte da oração. Posteriormente, foi incorporado (gramaticalizado), perdendo na fala, a pausa, e na escrita, a vírgula.
5. Essa estrutura, do ponto de vista sintático, apresenta uma partícula *não* final com a mesma realização fonológica de duas categorias distintas (*não*<sub>2</sub> e *não*<sub>3</sub>), que ocupariam diferentes posições na estrutura sentencial, e do ponto de vista semântico, enquanto *não*<sub>1</sub> desencadeia uma negação proposicional, *não*<sub>2</sub> e *não*<sub>3</sub> são descritos como marcadores de negação pressuposicional – hipótese proposta por Cyrino & Biberauer (2009)<sup>109</sup>.

Um dos objetivos do presente trabalho é descrever a estrutura [NãoVNão] em *corpora* do PB dos séculos XVIII e XIX. Assim, no desenvolvimento da pesquisa, será testada a hipótese proposta por Cyrino & Biberauer (2009), apresentada no item (5) acima, além de serem investigadas a implementação e a transição da referida estrutura.

Tendo em vista o que foi até agora considerado, os seguintes questionamentos se mostram pertinentes: Que estruturas negativas sentenciais ocorreram nos séculos XVIII e XIX? Quando ocorre a implementação da construção [NãoVNão] e como se dá a sua transição no PB?

Esse trabalho se propõe, então, a descrever e a analisar as realizações das negativas sentenciais no PB dos séculos XVIII (2ª metade) e XIX (1ª e 2ª metades) e, de um ponto de vista formal, procura caracterizar apenas a negativa [NãoVNão], tida como forma inovadora no PB atual.

Nesse sentido, os objetivos específicos buscados são:

- a) Catalogar e descrever as diferentes realizações das negativas sentenciais presentes no *corpus* analisado.
- b) Verificar se um processo de mudança se manifestou nestas estruturas no decorrer do tempo.

---

<sup>109</sup> As autoras apresentam como *não*<sub>1</sub>, *não*<sub>2</sub> e *não*<sub>3</sub> o elemento negativo *não* nas seguintes posições, respectivamente: (a) A Maria *não*<sub>1</sub>/*num* vai no teatro.; (b) A Maria *não*<sub>1</sub>/*num* vai no teatro *não*<sub>2</sub>; (c) A Maria vai no teatro *não*<sub>3</sub>.

- c) Mostrar a correlação entre construções negativas e pontuação como índice de limite sintático, dentro da estrutura frasal.
- d) Apresentar uma descrição da estrutura negativa [**NãoVNão**], utilizando categorias definidas conforme modelo gramatical específico.
- e) Investigar a implementação e a transição da estrutura [**NãoVNão**].
- f) Testar a hipótese proposta por Cyrino & Biberauer (2009).

Para investigar a implementação da estrutura [**NãoVNão**], será feita uma análise para verificar em qual época ela aparece no *corpus* proposto (no século XVIII ou no XIX).

Sobre a transição da referida estrutura, será feita uma análise do percurso dessa mudança, aqui descrito através do uso da vírgula (,) e do ponto e vírgula (;) e apresentado através do seguinte esquema:

1ª etapa →

O segundo **não** aparece separado da oração por ponto e vírgula (;):

(16) “**Não** se pense que nos oppomos ao recrutamento; **não**.”

(Jornal de MG, 1ª metade do séc. XIX)

2ª etapa →

O segundo **não** aparece separado da oração por vírgula (,):

(17) “**Não** he a separação das províncias, **não**.”

(Jornal da BA, 1ª metade do séc. XIX)

3ª etapa →

O segundo **não** é incorporado à sentença com o desaparecimento da vírgula e passa a funcionar como um caso de concordância negativa:

(18) “**Não** ousou **não**!”

(Peça de teatro, 2ª metade do século XIX)

De acordo com Alkmim (2001), na 1ª metade do século XX houve uma diminuição significativa no uso da vírgula antes do segundo **não** e, posteriormente, a última etapa dessa mudança foi a queda da vírgula (2ª metade do século XX).

A partir do contexto acima, a hipótese da transição da estrutura [NãoVNão] a ser investigada pelo presente trabalho é a seguinte: anterior e concomitante ao uso da vírgula, para separar o segundo *não* da estrutura frasal, (já descrito por Alkmim, 2001), havia, também, o uso do ponto e vírgula.

### 3. O Corpus

#### 3.1. A amostra: constituição e caracterização

Para a realização da análise com base no tempo real, será investigada uma amostra composta por textos dos séculos XVIII e XIX, quais sejam: correspondências, jornais, peças de teatro e obras literárias em prosa. O *corpus* da segunda metade do século XVIII é composto somente por correspondências, e o *corpus* do século XIX é composto por correspondências, correspondências publicadas em jornais, peças de teatro e obras literárias.

#### 3.2. Métodos e procedimentos

A partir dos pressupostos da sociolinguística, o modelo teórico-metodológico utilizado neste trabalho é a teoria da variação.

Os dados dos *corpora* serão analisados em três períodos de tempo: 2ª metade do século XVIII, 1ª metade do século XIX e 2ª metade do século XIX. A divisão dos *corpora* será feita dessa maneira, pois pretende-se obter um recorte capaz de abarcar a implementação e a transição da [NãoVNão], ocorridas no processo de mudança verificado por Alkmim (2001).

Assim, para a constituição da amostra, foram selecionados os seguintes textos:

- a) Documentação privada (cartas, bilhetes e recibos) que compreende os anos de 1751 a 1900 e abrange os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro (*corpora* Barão de Camargos e PHPB – RJ).

- b) Correspondências publicadas em jornais que compreendem os anos de 1808<sup>110</sup> a 1900 e abrangem os estados da Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro (*corpora* Casa do Pilar e PHPB – RJ).
- c) Trechos de peças de teatro e de obras literárias em prosa que compreendem os anos de 1751 a 1900 (*corpus Corpus do Português*).

### 3.3. A coleta dos dados

Com a amostra definida, será possível realizar a coleta dos dados. Desse modo, para catalogar e descrever as estruturas negativas sentenciáveis presentes nos textos, serão analisadas:

- a) 100 páginas de documentação privada da 2ª metade do século XVIII.
- b) 100 páginas de documentação privada da 1ª metade do século XIX.
- c) 100 páginas de documentação privada da 2ª metade do século XIX.
- d) 100 páginas dos jornais da 1ª metade do século XIX.
- e) 100 páginas dos jornais da 2ª metade do século XIX.
- f) peças de teatro e obras literárias dos séculos XVIII e XIX no *corpus* eletrônico do *Corpus do Português*.<sup>111</sup>

## 4. Considerações finais

Espera-se, com o presente trabalho, contribuir para a ampliação dos estudos que já foram desenvolvidos a respeito da negação, através da investigação e da descrição das estruturas negativas sentenciais presentes no PB dos séculos XVIII e XIX, dando ênfase à análise da estrutura [NãoVNão].

Tendo em vista que a pesquisa ainda está em andamento, não é possível apresentar, neste trabalho, resultados e conclusões.

---

<sup>110</sup> É importante mencionar que os anos anteriores a 1808 ficarão sem cobertura da análise, uma vez que somente neste ano surgiu a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal a ser impresso no Brasil.

<sup>111</sup> É importante mencionar que os dados do *corpus Corpus do Português* são levantados através de varredura. Assim, não é possível explicitar o número de páginas que o site analisou, uma vez que esta informação não é fornecida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, M. G. R. de. *As negativas sentenciais no dialeto mineiro: Uma abordagem variacionista*. Belo Horizonte, 2001. 260f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- BAXTER, A. M. O português vernáculo do Brasil. In: *América negra: panorâmica actual de los estúdios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesa y criollas*. Frankfurt: Vervuert, 1998, p. 72-137.
- BAXTER, A. M.; LUCHESSI, D. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, nº 19, Universidade da Bahia, 1997, p. 65-83.
- BERNINI, G; RAMAT, P. *Negative Sentences in the Languages of Europe: a typological approach*, 1977. 254 p. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1996.
- CARNEIRO, N. *Lições de português*. Rio de Janeiro: Livr. São José, 1957.
- CASAGRANDE, J. L. C. *Introdução ao estudo da negação em português arcaico*. São José do Rio Preto, 1973. Tese (Doutorado). FFCL/UNESP, São José do Rio Preto, 1973.
- CYRINO, S.; BIBERAUER, T. Appearances are deceptive: Jespersen's cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance based Creoles. *Going Romance*, 23. Nice, 2009, 19 p. (handout).
- DONADZE, N. Quelques remarques concernant les constructions négatives dans le langue romanes. *Quaderni di Semantica* 2, 1981, p. 297-301.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, VOTRE & CEZÁRIO (Orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 167-189.
- GONÇALVES, F.M.R. *Negação frásica em português: Caracterização sintática com referência ao processo de aquisição*. Lisboa, 1994, 349 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Lisboa, 1994.
- HAEGEMAN, L; ZANUTTINI, R. *Negative Heads and Negative Concord*. Université de Genève, 1991.

HOLM, J. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, 2 vols.

ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição do advérbio. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.) *Gramática do português falado*. São Paulo: Unicamp, 1991, p. 63-141.

\_\_\_\_\_. Locuções negativas polares: reflexões sobre um tema de todo mundo. *Linguística: Questões e Controvérsias*. Série Estudos 10, p. 83-97. Uberaba, 1984.

LAKA, I. *Negations in Syntax: on the nature of functional categories and projections*. Ph. D. Dissertation. Massachusetts Institute of Technology, 1990.

MARTINS, A. *Clíticos na história do português*. Lisboa, 1994, 550 p. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras de Lisboa, 1994.

MARTINS, E. *Sentential negation in spoken Brazilian Portuguese*. Washington: Georgetown University, 1997.

MIOTO, C. *Negação sentencial no português brasileiro e a teoria da gramática*. Campinas, 1991, 238 p. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas, Unicamp, 1991.

NAMIUTI, C. *Interpolação, colocação de clíticos e mudança gramatical na história do português europeu*. Campinas, 2008, 315 p. Tese (Doutorado em Linguística). Unicamp, 2008.

NUNES, J. J. *Gramática histórica do português*. 3. ed. Lisboa: Clássica, 1945.

POLLOCK, J. Verb movement, universal Grammar, and the structure of IP. In: *Linguistic Inquire*, 1989, vol. 20, n. 3, p. 365-424.

SALLES FILHO, A. *A negação em Vila dos Confins*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

SCHWEGLER, A. Predicate Negation and Word-Order Change – A Problem of Multiple Causation. *Lingua*, 61, 1983, p. 297-334.

VITRAL, L. A negação: Teoria da checagem e mudança linguística. In: *DELTA*. Vol. 15, n° 1, p. 57-84, 1999.

ZANUTTINI, R. Re-examining Negative Clauses. In: CINQUE, G.; KOSTER, J.; POLLOCK, J-Y; RIZZI, L.; ZANUTTINI, R. (Eds.). *Paths*

*Towards Universal Grammar Studies in Honor of Richard Kayne*. Washington: Georgetown University Press, 1995, p. 427-451.

ZANUTTINI, R. *The Structure of Negative Clause in Romance*. University of Pennsylvania, 1989.